

ESTUDOS BÍBLICOS EXPOSITIVOS EM HEBREUS



Estudos bíblicos  
expositivos em

Richard D. Phillips

# Hebreus

COMO ENFRENTAR OS DESAFIOS E ARMADILHAS  
DO MUNDO CONFIANDO NA SUPREMACIA DE CRISTO



*Estudos bíblicos expositivos em Hebreus*, de Richard D. Phillips © 2018 Editora Cultura Cristã. Publicado originalmente com o título *Reformed expository commentary – Hebrews* © 2006 by Richard D. Phillips. Todos os direitos são reservados. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, estocada para recuperação posterior ou transmitida de qualquer forma ou meio que seja – eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou de outro modo – exceto breves citações para fins de resenha ou comentário, sem o prévio consentimento de P&R Publishing Company, P.O.Box 817, Phillipsburg, New Jersey 08865-0817.

1ª edição 2018 – 3.000 exemplares

<b>Conselho editorial</b>	<b>Produção editorial</b>
Antônio Coine	<i>Tradução</i>
Carlos Henrique Machado	Deuber de Souza Calaça
Cláudio Marra ( <i>Presidente</i> )	Edmilson Francisco Ribeiro
Filipe Fontes	<i>Revisão</i>
Heber Carlos de Campos Jr	Filipe Delage
Marcos André Marques	Mari Kumagai
Misael Batista do Nascimento	Wilton Lima
Tarcízio José de Freitas Carvalho	<i>Editoração</i>
	Felipe Marques
	<i>Capa</i>
	Magno Paganelli

---

P558e Phillips, Richard D.

Estudos bíblicos expositivos em Hebreus / Richard D. Phillips;  
traduzido por Deuber Calaça e Edmilson Francisco Ribeiro . \_ São  
Paulo: Cultura Cristã, 2018

608 p.

ISBN 978-85-7622-752-6

Tradução Reformed expository commentary – Hebrews

1. Exposição bíblica 2. Vida cristã I. Título

CDU 27-187

---

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus “símbolos de fé”, que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a *Confissão de Fé de Westminster* e seus catecismos, o *Maior* e o *Breve*. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.



EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP

Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099 – Fax (11) 3209-1255

www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

À memória de

*James Montgomery Boice,  
com gratidão a Deus por seu amor a Cristo  
e seu exemplo de fiel expositor  
da poderosa Palavra de Deus*

*e ao*

*Apóstolo e Sumo Sacerdote  
da nossa confissão, Jesus Cristo.*

HEBREUS 3.1-3



# SUMÁRIO

Prefácio .....	9
<b>Parte 1: A supremacia de Cristo</b>	
1. A palavra final de Deus (1.1-2) .....	15
2. Profeta, Sacerdote e Rei (1.2-4) .....	25
3. Superior aos anjos (1.4-9).....	34
4. O Senhor reina (1.10-14).....	43
5. Prestem atenção! (2.1-4).....	52
6. Sua história (2.5-9).....	62
7. Perfeito mediante o sofrimento (2.10-13) .....	71
8. Poderoso para socorrer (2.14-18).....	81
9. O grande Apóstolo (3.1-6).....	89
<b>Parte 2: Advertências contra a apostasia</b>	
10. Advertência contra a incredulidade (3.7-12).....	99
11. A perda da salvação (3.12-19).....	108
12. O descanso sabático (4.1-5).....	118
13. Entrar no descanso de Deus (4.6-11) .....	126
14. A Palavra viva de Deus (4.12-13).....	135
15. O trono da graça (4.14-16) .....	145
16. Designado como Sumo Sacerdote (5.1-6).....	154
17. A fonte da nossa salvação (5.7-10).....	164
18. Do leite ao alimento sólido (5.11–6.3) .....	174
19. Uma vez iluminados (6.4-8).....	183
20. Diligentes até o fim (6.9-12).....	194
21. Âncora da alma (6.13-20).....	203
<b>Parte 3: Nosso grande Sumo Sacerdote</b>	
22. Melquisedeque (7.1-10).....	217
23. Esperança superior (7.11-19).....	226
24. Porque ele vive (7.20-25) .....	236
25. Perfeitamente adequado (7.26-28).....	245
26. Ministério mais excelente (8.1-6) .....	256

27. A nova aliança (8.6-13).....	266
28. O santuário terrestre (9.1-10).....	276
29. O sangue de Cristo (9.11-14).....	288
30. Último testamento (9.15-22).....	298
31. Uma vez por todas (9.23-28).....	309
32. O corpo de Cristo (10.1-10).....	319
33. Uma grande conclusão (10.11-18).....	330

#### **Parte 4: Exortações e exemplos de fé**

34. Como então devemos viver? (10.19-25).....	343
35. Uma horrível punição (10.26-31).....	354
36. Dentro de pouco tempo (10.32-39).....	364
37. O que é fé? (11.1-3).....	374
38. Fé justificadora (11.4).....	384
39. Fé que agrada a Deus (11.5-6).....	395
40. Fé que trabalha (11.7).....	405
41. Fé que olha para frente (11.8-10).....	415
42. Fé na promessa (11.11-12).....	426
43. Fé que procura uma pátria (11.13-16).....	437
44. Fé testada (11.17-19).....	448
45. Fé que confia no plano de Deus (11.20-22).....	459
46. Fé escolhendo a Deus (11.23-26).....	470
47. Fé que faz a travessia (11.27-29).....	481
48. Fé que conquista (11.30-40).....	492
49. Fé fixa em Jesus (12.1-3).....	503

#### **Parte 5: Exortações finais**

50. Disciplinados como filhos (12.4-13).....	517
51. Um chamado à santidade (12.14-17).....	529
52. A montanha da graça (12.18-24).....	540
53. O que não pode ser abalado (12.25-29).....	550
54. Jesus Cristo é o mesmo (13.1-8).....	560
55. Fora do arraial (13.9-14).....	571
56. Um sacrifício de louvor (13.15-19).....	582
57. Bênção de paz (13.20-25).....	593



## PREFÁCIO

Uma das glórias da Bíblia é o modo como Deus lida com uma situação particular envolvendo determinado grupo de pessoas, usando isso para falar com a maior relevância para pessoas de todos os tipos, em todas as épocas e em todos os lugares. A Carta aos Hebreus fornece um ótimo exemplo desse princípio. Escrita por um líder apostólico desconhecido, endereçada a um grupo de judeus cristãos que enfrentava perseguições na metade do século 1º d.C., as palavras dessa carta falam aos cristãos de todos os lugares sobre permanecer firme em Jesus Cristo. Há uma mensagem mais relevante e necessária para os nossos dias?

Poucos estudos podem ser mais proveitosos aos cristãos de hoje do que este da Carta aos Hebreus. Nessa carta, Deus nos exorta a perseverar na fé, mesmo diante das provações. Hebreus nos fala *por que* devemos prosseguir – por causa da insuperável supremacia de Cristo – e *como* devemos continuar – pela fé em Cristo, como a fé daqueles que vieram antes de nós. Hebreus nos adverte quanto aos perigos comuns de cada época, por meio dos quais muitos acabam por naufragar na fé, lembrando-nos também dos inúmeros recursos à disposição em nossa peregrinação nesta vida.

O mais importante de tudo, a Carta aos Hebreus oferece uma apresentação singular e incomparável de nosso Senhor Jesus Cristo. Mostrando assim a supremacia de Jesus sobre os anjos, Moisés, Josué e Arão, o autor de Hebreus expõe características do retrato de Jesus que não são encontradas em nenhum outro livro do Novo Testamento. Especialmente em sua detalhada descrição de Jesus como nosso perfeito Sumo Sacerdote – a mais acurada apresentação desse ofício encontrada em toda a Sagrada Escritura – aprendemos como e por que Jesus “pode salvar totalmente os que por ele chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles” (Hb 7.25).

O estudioso de Hebreus obterá conhecimentos detalhados de Israel do Antigo Testamento e com respeito à percepção bíblica quanto à intenção de Deus na antiga Aliança. Aqui veremos que a teologia da Aliança colocou a descoberto quanto está centralizada em Cristo e em sua obra. Em Hebreus alcançaremos a percepção superior na visão da sagrada Escritura do próprio

Deus; Hebreus consiste amplamente de exposições de passagens do Antigo Testamento, e nessas exposições descreveremos os contornos de quanto inspiração e inerrância funcionam na prática. Ademais, visto que Hebreus não é tanto um tratado como um sermão – o autor descreve-o como “[minha] palavra de exortação” (Hb 13.22) – pastores e demais líderes no rebanho de Cristo recebem um proveitoso modelo de encorajamento e exortação bíblicos.

Meu objetivo ao escrever estes estudos é o mesmo tão bem expressado pelo autor de Hebreus: “Guardemos firme a confissão de esperança, sem vacilar, pois quem fez a promessa é fiel. Consideremo-nos também uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras” (Hb 10.23-24). Queira Deus abençoar estes estudos para todos que fizerem sua leitura – que você confie firmemente em Jesus Cristo até ao fim, dando glória ao seu santo nome.

Estas mensagens foram primeiramente pregadas nos cultos matinais da Tenth Presbyterian Church, Filadélfia, de setembro de 1999 a julho de 2001. A maioria delas foi pregada durante nossas reuniões semanais de comunhão, e sempre serei grato a Deus que meu primeiro ministério de púlpito envolveu a regular comunhão com o povo de Deus na presença de Cristo. Talvez minha memória mais afetuosa desse período tenha sido a administração semanal do sacramento a James Montgomery Boice, então meu pastor sênior. Sua santidade humilde e seu amor por nosso Salvador causaram impacto indelével em meu coração. Estes estudos são amorosamente dedicados à sua memória, em louvor a Deus e com ação de graças pelo exemplo que o Dr. Boice deixou como cristão, pastor e expositor da Escritura.

Tal é meu apreço à Carta aos Hebreus que preguei essas mensagens novamente nos cultos da tarde da First Presbyterian Church de Coral Springs/Margate, Flórida. A todos os irmãos e irmãs fiéis e amados nessa notável igreja, ofereço meus sinceros agradecimentos por seu constante amor e apoio. Sou grato, também, pela cuidadosa edição de meus colegas Phil Ryken e Dan Doriani, e pelo excelente trabalho dos meus amigos da P&R Publishing. Minha gratidão especial à minha esposa Sharon, cuja devoção a Cristo e ao ministério tornou possível meu serviço a Deus, e aos nossos cinco filhos: Hannah, Matthew, Jonathan, Ellie e Lydia. Finalmente, agradeço a Deus pelo maravilhoso dom de seu único Filho para ser o Cordeiro e o Sacerdote que ofereceu o sacrifício para o perdão dos meus pecados, em cuja presente intercessão confio inteiramente. A ele seja a glória para sempre.

# HEBREUS



*Permanecendo firme em Cristo*



# PARTE 1



*A supremacia de Cristo*



# 1

## A PALAVRA FINAL DE DEUS

*Hebreus 1.1-2*



*Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho [...].*  
(Hb 1.1-2)

Uma cena da vida e ministério de Jesus descreve de forma indelével o que a Carta aos Hebreus significa. Mateus 17 relata-nos que Jesus tomou seus três discípulos mais próximos e subiram ao monte, onde eles o viram transfigurado em glória, falando com Moisés e Elias. Pedro propôs construir um tabernáculo para a veneração desses três gigantes espirituais. Então, a glória da Shekinah entre nuvens os envolveu com resplendor e a voz de Deus disse: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; a ele ouvi” (Mt 17.5). Quando os discípulos se refizeram de seu terror, não viram nem Moisés nem Elias, mas apenas Jesus. A. W. Pink comenta: “A glória associada a Moisés e Elias foi completamente eclipsada pela grandiosa e infinita glória de Cristo, que eles desvaneceram da visão”.<sup>1</sup>

Este é o tema da Carta aos Hebreus – a supremacia de Cristo, juntamente com a suficiência da sua obra e a necessidade da fé nele para a salvação.

### ***Contexto da Carta aos Hebreus***

Deveríamos iniciar o estudo de um livro tecendo algumas considerações sobre o seu contexto. Quem escreveu a Carta aos Hebreus? Quando e quais

---

<sup>1</sup>A. W. Pink, *An Exposition of Hebreus* (Grand Rapids: Baker, 1954), 29.

foram os seus destinatários? O que motivou a escrita da carta, qual o seu gênero literário, por que foi incluída no cânon bíblico?

Quando consideramos a autoria de Hebreus, devemos observar, antes de tudo, que a resposta não está na carta em si. Não há uma saudação inicial, nem observações ao final que possam identificar o escritor. Contudo, não faltam candidatos para a honra da autoria.

Em toda a história da igreja houve um forte ímpeto em mencionar o apóstolo Paulo como o autor de Hebreus. Parece haver duas razões principais para isto, a primeira é que a maioria do conteúdo da carta soa paulina. Hebreus 13.23 faz referência a Timóteo, um dos discípulos de Paulo, e o tema do capítulo 10 – da alegria em meio ao sofrimento – remete-nos com certa naturalidade a Paulo. Por conseguinte, argumenta-se, o autor de Hebreus deve ter sido pelo menos um membro do círculo paulino. A segunda razão em apoio a Paulo está intrinsecamente associada à canonicidade da carta. Sua inclusão na Bíblia não foi sem controvérsia, e argumentos favoráveis à autoria de Paulo naturalmente reforçaram suas alegações dramaticamente.

Todavia, há diversos indícios que dão conta com razoável certeza de que Paulo não é o autor de Hebreus. Primeiro, em todas as suas cartas, Paulo se identifica, asseverando sua autoridade apostólica. O escritor de Hebreus não se identifica, embora alguns especulem ser por causa da hostilidade judaica que Paulo possa ter querido permanecer anônimo. E mais, a natureza do grego em Hebreus, que é de um elevado estilo literário, faz um notório contraste ao grego mais popular de Paulo. A estrutura de Hebreus, com suas exortações entremeadas, contrasta com a tendência de Paulo em reservar as aplicações práticas para o final da carta. Mais conclusivo é a declaração de Hebreus 2.3, que diz que a mensagem do autor “foi-nos depois confirmada pelos que a ouviram”. Em outras palavras, o escritor recebeu sua mensagem daqueles que a ouviram em primeira mão de Jesus. Isto é algo que Paulo sempre nega em suas cartas, insistindo ter recebido sua revelação do próprio Senhor e não de outros apóstolos (Gl 1.12).

Com a exclusão de Paulo, outros candidatos são inferidos de seu círculo que inclui Lucas, Silas e Priscila. Mais persuasivos são os argumentos favoráveis a Barnabé e Apolo. Hebreus 13.22 descreve a carta como uma “palavra de exortação”, e Barnabé significa “filho da exortação”. Barnabé não foi apenas companheiro de Paulo, mas como levita ele provavelmente teria tido o mesmo tipo de interesse no sacerdócio judaico salientado em Hebreus. Uma sugestão ainda mais intrigante foi apresentada por Lutero em favor da autoria de Apolo, muitas vezes colaborador de Paulo. Atos 18.24 identifica este como sendo um “homem eloquente e poderoso nas Escrituras”, que o qualifica a escrever tão extraordinária carta. Ademais, Apolo vem de



Alexandria, e Hebreus apresenta um interesse em temas teológicos conhecidos como populares ali.

Então, quem escreveu Hebreus? No fim, devemos concordar com o antigo erudito Orígenes, que concluiu: “Quem escreveu a carta apenas Deus conhece”.<sup>2</sup> Tudo que podemos dizer com confiança é que ela procede de uma figura apostólica, que provavelmente foi companheiro do apóstolo Paulo. Não aprouve ao Espírito Santo dar-nos a conhecer a identidade humana do autor, assim devemos nos contentar em saber que a carta é a Palavra de Deus.

Também é importante a identidade dos destinatários. O título “Aos Hebreus” não está presente nos manuscritos mais antigos. Isso, com o conteúdo da carta, argumenta de modo persuasivo que estes eram judeus cristãos que estavam sob pressão para renunciar à fé e retornar ao judaísmo.

Quanto à sua localização, as duas opções mais importantes são Palestina e Roma. Aqueles que argumentam por destinatários palestinos chamam a atenção ao fato de que os cristãos são conhecidos pelo sofrimento nas mãos de seus pares judeus, e também apontam para as referências detalhadas ao ritual do Templo judaico. Desde a descoberta dos Manuscritos do mar Morto, alguns têm tentado apresentar semelhanças nos escritos da comunidade dos essênios, no deserto da Judeia. Em oposição a essa teoria está o fato de que todas as citações do Antigo Testamento em Hebreus procedem da Septuaginta, a versão grega comum naquela época, a qual não era usada na Palestina nem em qualquer outra parte. Ainda em oposição ao contexto palestino está a declaração que os destinatários da carta só ouviram de Jesus de segunda mão (cf. Hb 2.3). Além disso, Hebreus 12.4 estabelece que perseguições anteriores não envolveram o derramamento de sangue, ao passo que essas na Palestina o fizeram desde o início.

O consenso entre os eruditos recentemente se voltou na direção de Roma. Clemente de Roma, escrevendo por volta de 95 d.C., mostra íntima familiaridade com Hebreus, e os livros de Atos e Romanos falam de uma próspera igreja em Roma desde muito cedo. Os judeus cristãos foram perseguidos em 49 d.C., sob o imperador Cláudio, e novamente nos anos 60 d.C., sob Nero. O que sabemos da primeira destas perseguições parece ajustar-se à descrição de 10.32-34 e 12.4 (visto que a perseguição de Cláudio envolvia perda de propriedade e aprisionamento, mas não derramamento de sangue), e a antecipação da violência ajusta-se à segunda, com a notória violência de Nero contra os cristãos. Finalmente, temos a declaração de Hebreus 13.24: “Os da Itália vos saúdam”. Poderia ser que um pastor agora em Roma escrevia

<sup>2</sup>Eusébio, *The History of the Church*, tradução de G. A. Williamson (Nova York: Penguin, 1965), 6.25.

aos judeus fiéis na Palestina. No entanto, a razão mais provável para cristãos italianos enviarem saudações é que os leitores procediam realmente da Itália.

Se Roma foi o local onde viviam os destinatários, então a carta teria sido escrita pouco antes de 64 d.C., quando a perseguição de Nero irrompeu. Em quase todas as teorias, Hebreus foi escrito antes do ano 70, quando Jerusalém e seu Templo foram destruídos pelos romanos. Hebreus não só fala dos rituais do Templo como realidade presente, mas é difícil imaginar seu autor deixar passar tal oportunidade como a queda de Jerusalém para provar que passou o tempo da religião da antiga aliança.

O propósito de Hebreus está claro em seu conteúdo. O autor previne os cristãos a não fraquejar na fé em Cristo em meio às provações, exortando-os a persistir com toda a maturidade. A carta não pode ser pensada nos termos de um tratado teológico, mas como um sermão escrito por um pastor dirigido a uma congregação da qual encontra-se separado. O autor descreve isso como “[minha] palavra de exortação” (13.22). Seu método é apontar para a supremacia de Cristo sobre tudo que os leitores possam ser tentados a retornar. Ele é superior aos anjos, a Moisés e aos profetas, a Arão e aos sacerdotes levitas, ao sangue dos sacrifícios da antiga aliança, e ao Tabernáculo, bem como ao próprio Templo. Visto que Jesus é o verdadeiro mensageiro, o verdadeiro profeta, o verdadeiro sacerdote e o verdadeiro sacrifício, renunciá-lo é perder completamente a salvação. Portanto, o leitor precisa apegar-se firmemente a Jesus Cristo. A alegação do autor encontra-se resumida em Hebreus 10.23: “Guardemos firme a confissão da esperança, sem vacilar, pois quem fez a promessa é fiel”.

A última questão quanto ao contexto a ser considerada é o lugar de Hebreus no cânon do Novo Testamento. O teste básico de canonicidade da igreja antiga era a prova da apostolicidade. Isto não significa que o livro deveria ter sido escrito por um apóstolo, como se vê na pronta inclusão de Marcos, Lucas, Atos e outros livros. Era suficiente que o autor fosse companheiro de algum apóstolo, visto que o ensino era apostólico em seu caráter. Não deveríamos pensar, contudo, que foi a igreja que criou o cânon, visto que foi exatamente o contrário. O cânon – isto é, o ensino apostólico dos escritos do Novo Testamento – criou a igreja. Hywel Jones apropriadamente resume assim: “O cânon foi se formando [...] como resposta ao efeito que a literatura sagrada teve sobre aqueles que a ouviam. O reconhecimento formal da igreja de uma peça de literatura era um ‘amém’ ao testemunho do Espírito Santo nela, e não uma outorga de seu *imprimatur*”.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup>Hywel R. Jones, *Let's Study Hebrews* (Edimburgo: Banner of Truth, 2002), xiii.

Toda introdução a Hebreus deve concluir com uma apreciação de sua destacada excelência. Aqui é melhor deixar a última palavra com Calvino, que escreveu na dedicatória de seu comentário:

Visto que a Carta destinada aos Hebreus contém uma discussão completa da Deidade de Cristo, seu supremo governo e sacerdócio exclusivo (que são os pontos primordiais da sabedoria celestial) e como essas coisas são sobejamente explicadas nela, de sorte que todo poder e obra de Cristo se manifestam ali de uma forma muitíssimo gráfica, com justiça merece ela desfrutar do lugar e honra de um imensurável tesouro da igreja.<sup>4</sup>

### ***Deus falou***

Assim que iniciamos a Carta aos Hebreus, nos deparamos com a que talvez seja a mais importante declaração que poderia ser feita em nossos dias: “Havendo Deus [...] falado” (Hb 1.1). Este é um dos assuntos de vital importância que as pessoas do nosso tempo precisam saber. Vivemos numa era relativista; tanto que 70% dos americanos insistem que não existem absolutos, seja em assuntos de verdade, seja de moralidade. A sociedade secular removeu Deus, não há mais uma voz celestial para falar com clareza e autoridade. O preço que pagamos é a perda da verdade, e, com a verdade, a esperança. Mesmo quando surgem aqueles assuntos que pensamos conhecer, agora os consideramos meros construtos do pensamento em meio ao constante fluxo do conhecimento e confiança incertos. Realmente, como dissemos, não conhecemos nada com segurança, nem podemos conhecer.

Este também é o caso, especialmente quando se trata do conhecimento que temos do próprio Deus. Podemos conhecer nosso Criador, se é que existe um? Existe um Salvador para nos auxiliar? A menos que Deus tenha falado não podemos ter certeza da sua existência. A menos que Deus exista não há qualquer esperança final para nós como indivíduos, e nenhuma resposta para o problema último da morte. Jó pergunta: “Porventura, desvendará os arcanos de Deus ou penetrará até à perfeição do Todo-Poderoso?” (Jó 11.7), e responde: não. Por definição, Deus está além do reino dos nossos sentidos, do qual advém todo conhecimento adquirido por nós mesmos. Portanto, se Deus existe e quer que o conheçamos – se ele tem uma resposta, um plano ou uma salvação –, ele deve falar conosco. E deve fazê-lo de tal maneira que possamos entender. Por isso, não existe nada mais importante, nada mais essencial, do que o que Hebreus diz em seu primeiro versículo: “Havendo Deus [...] falado”.

---

<sup>4</sup> João Calvino, *New Testament Commentaries*, 12 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1994), 12:ix.

Esse é o testemunho uniforme da Bíblia sobre si mesma, qual seja, que ela é a verdadeira Palavra de Deus. Os livros da Bíblia foram escritos por autores humanos, que falaram e escreveram em linguagem humana. Todavia, a Bíblia insiste que através dela o próprio Deus falou e fala ainda hoje a nós. Pedro explica: “Homens [santos] falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo” (2Pe 1.21). Isso é o que queremos dizer quanto à *inspiração* da Bíblia. Deus comunica-se conosco através da direção do Espírito Santo em seus autores humanos. A questão não é que esses livros contêm as percepções inspiradas dos homens; a questão é exatamente o contrário. De fato, podemos falar melhor da Bíblia não como sendo *inspirada*, mas como sendo *expirada*. É a Palavra de Deus como saída da sua própria boca, transmitida pela ação do Espírito Santo na vida dos servos humanos. É isso o que Paulo enfatiza em 2Timóteo 3.16, em que diz: “Toda a Escritura é inspirada por Deus”.

A autoridade divina da Sagrada Escritura precisa ser enfatizada hoje, especialmente visto que a erudição contemporânea tende a focar nos autores humanos. Está correto, é claro, entender o perfil humano que Deus usou para dar diferentes formas aos diferentes livros da Bíblia. Moisés teve sua própria experiência, chamado, personalidade e dons, e Deus usou-os com o propósito de produzir cuidadosamente uma mensagem particular nos livros que Moisés escreveu. Podemos dizer o mesmo de Paulo e João, bem como de todos os outros escritores bíblicos. Mas, enquanto a própria Bíblia afirma isso, uma própria ênfase encontra-se na autoria divina. Hebreus 1.1 diz que Deus “falou muitas vezes e de muitas maneiras”, e que Deus utilizou os “profetas” para fazer isso. Mas, em tudo isso era Deus quem estava falando. Não é Moisés quem fala em Gênesis, nem Davi quem fala nos Salmos, nem Paulo quem fala em Romanos. Deus falou na Bíblia, e precisamos considerar toda a Escritura como sua palavra santa.

A Carta aos Hebreus oferece sua própria opinião quanto ao processo de revelação. Todas as vezes que o autor cita a Escritura, jamais é o autor humano quem recebe o crédito, mas o Autor divino. Em Hebreus 2.12 ele cita o salmo 22.22 atribuindo-o a Jesus Cristo falando no Antigo Testamento. Hebreus 3.7-11 cita o salmo 95, mas o apresenta não dizendo “como disse Davi”, mas “como diz o Espírito Santo”. Assim acontece em toda a Carta aos Hebreus. A questão não é negar a importância dos autores humanos da Bíblia, mas mostrar que nossa ênfase, seguindo a da própria Bíblia, sempre deve ser sobre Deus falando em sua Palavra.

Isso tem várias implicações importantes. Primeiro, se Deus fala na Bíblia, então ela é portadora da *autoridade* divina. Hoje, muitos querem deixar de lado os ensinamentos da Bíblia quando estes colidem com os padrões culturais vigentes. Mas, assim como Deus ordena nossa obediência, também exige

que humildemente obedeçamos a sua Palavra. Nada há mais importante para os cristãos resgatarem hoje do que a reverência e o respeito que a Escritura merece como revelação do próprio Deus a nós.

Segundo, se Deus escreveu a Bíblia, então ela é continuamente *relevante*. Afinal, se Deus não muda – e por natureza não pode mudar –, então sua Palavra também não pode mudar. É verdade que algumas coisas ditas na Bíblia foram endereçadas exclusivamente aos seus destinatários originais. Deus disse para Moisés, não para nós, para “descer para o Egito”. Todavia, o ensino dado por toda a Bíblia – sobre o caráter de Deus, o pecado e o seu padrão moral, sobre as boas-novas da salvação e como ela chega até nós – permanece para sempre, pelo simples fato da eternidade de Deus. O autor de Hebreus diz no capítulo 13 que o padrão da conduta cristã permanece o mesmo porque “Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre” (13.8).

Deus falou na Bíblia não apenas àqueles que a receberam em primeira mão, mas ele fala igualmente àqueles que a leem hoje. E isso é enfatizado em Hebreus. Em Hebreus 3.7, por exemplo, o autor cita o salmo 95, escrito centenas de anos antes, e escreve: “Como *diz* o Espírito Santo”. Faz uso do tempo presente. Não é meramente o que o Espírito Santo *disse* no passado quando Davi escreveu, mas o que o Espírito Santo diz agora enquanto Deus fala àqueles que leem. Essa é a razão por que a Bíblia é tão relevante a todas as nossas necessidades atuais.

Terceiro, visto que Deus fala na Bíblia, embora o tenha feito com grande diversidade – “muitas vezes e de muitas maneiras” –, nós também conservamos a *unidade* da Bíblia. A Bíblia é composta por 66 livros escritos ao longo de aproximadamente 1.300 anos, por mais de 40 pessoas diferentes. Todavia, ainda é um livro com uma mensagem unificada. James Boice explica:

Estas pessoas não eram iguais. Algumas foram reis. Outras eram políticos, sacerdotes, profetas, coletor de impostos, médico, artesãos, pescadores... Contudo, juntos produziram um volume que se apresenta em uma maravilhosa unidade quanto à sua doutrina, ponto de vista histórico, ética e expectativas. Em resumo, é uma história singular da redenção divina iniciada em Israel, centralizada em Jesus Cristo, culminando com o fim da história. [...] Por trás dos esforços dos mais de 40 autores humanos está a mente perfeita, soberana e orientadora de Deus.<sup>5</sup>

Isso nos fornece um importante princípio interpretativo, a saber, que a Escritura é melhor interpretada pela própria Escritura. Visto que a Bíblia

<sup>5</sup> James Montgomery Boice, *Foundations of the Christian Faith* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1986), 58-59.

é uma mensagem falada por Deus, deveríamos entender o ensino de uma passagem à luz do modo que o ensino é transmitido em toda a Escritura. Para ter certeza, a mensagem da Bíblia é revelada progressivamente, de modo que o Evangelho aparece como botão no Antigo Testamento e em floração apenas no Novo Testamento. Muitas doutrinas, portanto, são reveladas progressivamente. Entretanto, o ensino claro que Deus comunica em dada passagem restringe nossa interpretação do mesmo assunto em outras partes da Bíblia. Isso é muito importante para o nosso estudo de Hebreus, no qual o autor não só acha ser relevante numerosas passagens do Antigo Testamento para seus leitores, mas também sob o controle do Espírito Santo nos dá uma orientação autoritativa de como deveríamos entendê-las (bem com a totalidade do Antigo Testamento).

### ***A revelação final no Filho de Deus***

Esses versículos não falam meramente que Deus fala, mas que sua revelação final e definitiva se encontra em e através de seu Filho, Jesus Cristo. O escritor assume essa posição através de três contrastes presentes em Hebreus 1.1-2. Primeiro, há o *quando* da revelação, “outrora”, em contraste com “nestes últimos dias”. Segundo, há o *a quem* da revelação, “aos pais”, em oposição ao “nos”. Terceiro, há o *como* da revelação, a saber, “muitas vezes e de muitas maneiras [...] pelos profetas”, *versus* “pelo Filho”.

A ideia do autor, que é o refrão de toda a Carta aos Hebreus, é apresentar a superioridade do cristianismo diante da religião da antiga aliança. Não perde tempo para chegar a esse ponto, argumentando a supremacia de Cristo sobre os profetas. Tal supremacia de modo algum difama a fé do Antigo Testamento. Ao contrário das religiões pagãs, era uma revelação legítima e fé verdadeira. No Antigo Testamento “Deus falou”, por isso, era uma religião dada por Deus. Todavia, Cristo é superior e com sua vinda não há escusa para se retornar ao judaísmo.

O autor descreve a primeira revelação como vindo “muitas vezes e de muitas maneiras”. Sua questão não está meramente na diversidade da revelação no Antigo Testamento, mas em seu caráter fragmentário, incompleto e gradual. Tome qualquer um dos livros do Antigo Testamento – talvez Gênesis, com suas ricas cenas da criação, queda e redenção; ou Ester, com sua fé corajosa em um Deus invisível; ou Salmos, com sua poesia que enleva o coração – e você lerá a verdadeira revelação divina, mesmo assim revelação necessária. No entanto, cada livro é fragmentário e incompleto. O Antigo Testamento é incompleto. Cheio de expectativa, anseia pela resposta que vem em Jesus Cristo. Ao contrário, a revelação de Deus em Cristo não é parcial, tampouco incompleta. Eis a razão de a Era Cristã ser descrita como “estes últimos dias”.

A questão não está na volta iminente de Jesus, como muitos pretendem daqui extrair (embora outras passagens do Novo Testamento falem a partir desta perspectiva), mas que esta é a época do cumprimento quando a revelação de Deus se tornou completa. Isso é o que torna o *quando* da revelação cristã muito melhor. Calvino comenta: “Não foi apenas uma parte da Palavra que Cristo trouxe, e sim a Palavra final”.<sup>6</sup>

Outra razão para a superioridade da fé cristã é o contraste quanto ao canal de sua revelação, isto é, o *como*. No Antigo Testamento, Deus falou pelos profetas, mas no Novo Testamento fala por seu próprio Filho. Dificilmente alguém poderia encontrar um grupo maior de gigantes espirituais do que os profetas do Antigo Testamento. Moisés, Elias, Isaías, Jeremias – estes foram extraordinários detentores da verdade divina. Todavia, como empalidecem quando comparados ao Filho de Deus que veio ao mundo. Como disse Jesus: “Quem vem das alturas certamente está acima de todos; quem vem da terra é terreno e fala da terra; quem veio do céu está acima de todos” (Jo 3.31).

A revelação em Cristo, então, não concedida anteriormente aos nossos antepassados, mas preservada para nós na Escritura, é superior àquela dada anteriormente pelos profetas. Martinho Lutero concluiu: “Se a palavra dos profetas é aceita, devemos nos apegar muito mais ao evangelho de Cristo, visto não se tratar de um profeta dirigindo-se a nós, antes o Senhor dos profetas, não um servo, mas um filho, não um anjo, mas o próprio Deus”.<sup>7</sup>

### *Jesus, a Verdade*

Sempre que pensamos a respeito de Jesus como a verdade última, final, podemos lembrar o confronto em seu julgamento perante Pôncio Pilatos. O governador romano procurou saber se Jesus pensava ser realmente um rei. Jesus replicou que seu reino não era deste mundo. Quando Pilatos respondeu em tom duvidoso, Jesus associou seu reino à revelação da verdade de Deus ao mundo. Disse: “Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade” (Jo 18.37). Cristo reina através da Palavra de Deus, porque em Cristo Deus se revelou plena e cabalmente, de uma vez por todas.

Que confronto! Pilatos representava a filosofia e a sabedoria do mundo, com seu relativismo e utilitarismo cruel. Pilatos não estava apto a aceitar tudo aquilo como sendo verdade. Olhando na face do Filho de Deus, através de quem Deus revelou a verdade última, Pilatos replicou: “Que é a verdade?” (Jo 18.38). Isso mostra não apenas que o que nós chamamos hoje de

<sup>6</sup> Calvino, *New Testament Commentaries*, 12:6.

<sup>7</sup> Martinho Lutero, citado em Philip E. Hughes, *A Commentary on the Epistle to the Hebrews* (Grand Rapids: Eerdmans, 1977), 37.

pós-modernismo, com sua negação da verdade, não é novidade, mas também dramatiza a tragédia que é este nosso mundo descrente. Jesus coloca desta maneira: “O julgamento é este: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más” (Jo 3.19). Ali, diante de Pilatos, encontrava-se a Verdade de Deus, e lá estava ele negando ainda a possibilidade da verdade.

Pilatos pensava estar julgando Jesus, mas com a verdade diante de si era o governador quem realmente estava em julgamento. O mesmo é verdade hoje. Quando você lê ou ouve a mensagem de Deus através de seu Filho Jesus Cristo, você está diante da Verdade. Se você a rejeitar, a Palavra final de Deus, você se entrega às trevas – às trevas da cegueira espiritual agora e às trevas eternas que vêm com o juízo final de Deus.

Mas, se você olhar para Jesus Cristo, e se nele você vir e crer na Verdade de Deus, então a obra redentora de Deus de todos os tempos será completada em você. “Muitas vezes e de muitas maneiras” Deus começou a preparar o mundo pelos profetas para a vinda do seu Filho. Por quê? Para que nestes últimos dias – estes dias da redenção de Deus cumpridos em Jesus Cristo – nós possamos adentrar na plenitude da salvação. Isto é o que Jesus disse aos discípulos, enquanto esforçavam-se em conhecer a verdade na noite de sua prisão. Disse-lhes: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida” (Jo 14.6). De fato, ele o é para nós. Quando recebemos Jesus como a Verdade, então ele se torna o Caminho para adentrarmos na vida eterna. Esta é a razão por que Jesus é a Palavra final de Deus, e o motivo por que mesmo que todos os outros neste mundo estejam perdidos nós devemos recebê-lo rapidamente pela fé.